

Fernando Whitaker da Cunha - sensação e inquietação intelectual

- perfil de um escritor -

Newton SABBÁ GUIMARÃES

“Nada lhe está vedado, assim como nada lhe impõe também a aceitação dum motivo ou, sequer, dum tipo determinado de motivos”.

Palavras do conhecido escritor português Mário Braga *in As Ideias e a Vida*, que, acredito, se quadram ao perfil de Fernando Whitaker da Cunha.

“Possiamo distinguere i sentimenti, come l’amore e l’odio, dalle sensazioni, come un prurito, per il fatto che i sentimenti sono rivolti a qualcosa, le sensazioni invece no”.

Rafael Ferber *in Concetti fondamentali della filosofia*.

Uma estranha sensação de pressa.

O que fascina na obra de Fernando Whitaker da Cunha é aquela sensação de pressa através de páginas bem escritas. Quem o lê, pensa que esse magistrado saído de velha família paulista que dignificou o mundo jurídico e forense da sua terra, está sempre a correr, mas sempre de bem com a vida: parece entrever em cada autor sobre quem escreve, em cada personagem e em cada livro um velho conhecido a quem trata de *tu* e a quem deva uma palavra de amizade, um gesto de carinho, um *alô*, mesmo que dito em disparada, pois Fernando parece estar sempre em disparada... Pelo menos foi esta a minha impressão desde que o conheci. Poucas vezes tenho encontrado obra tão variada, na qual a curiosidade intelectual esteja presente em cada linha e se identifique tanto com o seu ator-autor quanto a de Whitaker da Cunha, em especial a dos ensaios. Ao mesmo tempo este escritor pode passar aos amigos e leitores uma ideia de superficialidade na sua escrita e nas suas relações, por não conseguir fixar-se em nada devido a essa sua pressa de viver, já apontada. Lembro pequena anedota envolvendo-nos, a ele e a mim e que mostra um quê de superficialidade na sua maneira de encarar as coisas e o mundo. Quando saiu um de meus livros de ensaios críticos literários e perfis biográficos, mandei-lhe um dos primeiros exemplares. Semanas depois, recebo uma de suas cartas telegráficas onde acusava recebimento do livro. Apenas fez referência à dedicatória à minha Mãe, ignorando ensaios sobre uns poucos escritores do

mundo que mereciam atenção. Eram estudos que, como todos os que faço, escritos após leitura detida dos textos, boa bibliografia de amparo e eram, tanto quanto possível, ensaios imparciais. Mas somente a dedicatória pudera merecer-lhe a atenção. Ora, um gesto destes demonstra incrível superficialidade, que assusta. Assim é Whitaker da Cunha: o homem que corre, corre sempre, muita vez sem saber aonde chega ...

Foi Ibiapaba Martins, o conhecido romancista de **A Flor e o Estandarte**, dos bons ficcionistas da safra paulista das décadas de 60 e 70, malgrado o seu ativismo ideológico, quem primeiro me falou de Whitaker da Cunha, em encontro escritores em Manaus. Ibiapaba, ex-campeão de judô e, portanto, acostumado aos golpes violentos, como gosta de lembrar em suas conversações, disse-me, à guisa de introdução: “Vocês dois têm um ponto de ligação em comum. Ou mesmo mais de um: amam as viagens, as belas coisas requintadas da vida, admiram a beleza das mulheres e pisaram os quatro cantos da terra. A diferença é que o Fernando é um emotivo, rasgadamente emotivo; já você aparenta ser um sujeito frio e passando a ideia de distanciamento, quase sempre. Procure entrar em contacto com o Fernando: tenho certeza de que vai gostar dele!”. Passou-se algum tempo e não nos encontramos, nem tivemos o contacto patrocinado pelo romancista. Este votou à carga e, para tocar-me a sensibilidade - eu voltava de demorada viagem à África do Sul, naqueles dias duramente atacado por gregos e troianos, a troco do tão debatido e execrado apartheid ali em plena vigência -, disse-me que Whitaker da Cunha era, *lui-même*, um amigo da bela terra dos boere e do afrikaans, e o país mais industrializado da África e que o visitara demoradamente. Escrevi-lhe então, mandando alguns artigos recentemente aparecidos na imprensa sobre aquele país tão injustiçado pela incompreensão do mundo, que teimava em ignorar a sua cultura própria, os seus costumes europeus e a língua afrikaans – a mais nova da extensa família germânica e muito próxima do flamengo e do holandês! E assim começaria a nossa amizade. Fernando mandou-me alguns de seus livros e opúsculos com afetuosas dedicatórias quase ilegíveis pela sua letra miudinha e muito espichada e muitas cartas bem curtinhas, quase sempre escritas a mão e no seu papel timbrado, do Tribunal de Alçada, inferindo o destinatário que essas cartas eram escritas nos intervalos das sessões... Ele não gosta de perder tempo. Ou não pode...

Generosidade e compreensão de um leitor.

Diz-se - e não sem certa razão! - que o escritor, em especial o brasileiro, é bem pouco generoso, raramente elogiando a obra de seus confrades. E críticos, quase cá não nos temos. Há, sim, os tremendos demolidores, que em tudo acham defeitos; ou, em situação oposta, os elogiadores esparramados, que por não lerem a obra que têm em mãos, elogiam-na desbragadamente. Um e outro, prejudiciais, pois fogem às qualidades que deve ter um crítico na leitura do livro submetido à sua apreciação. Mas críticos que leiam a obra de seus companheiros com imparcialidade e as analisem emitindo conceitos elevados, nobre e incentivadores sobre ela, esses são raros. Até mesmo, sem receio de errar, diria que são raríssimos. Há nas matas amazônicas um pássaro muito vistoso, enorme, que voa baixo e traz um chifre minúsculo na testa: é o unicórnio,

que os caboclos ribeirinhos chamam de “lecorne” e que vai, aos poucos, tornando-se mais e mais raro. Quando juiz de primeira entrância, em distante e inóspita comarca do rio Juruá, sonhava um dia ver um unicórnio. Perscrutava rios e igarapés, olhava pelas margens barrentas dos rios, em busca do meu “lecorne”, sem vê-lo jamais, até que um dia o oficial de justiça, também grande pescador, me pontou para um deles, em um chavascal. Era mesmo nobre e rara a ave exótica que tive por muitos minutos sob a minha mirada fascinada, até que ela levantou voo e lá se foi para as densas junglas do outro lado do sacado e nunca mais vi outro! Assim comparo o bom crítico, o escritor generoso, como se fora um espécimen raro, um avejão quase a extinguir-se, mas que, por vezes, cá e lá ainda encontramos para nossa admiração e deleite. A leitura de **Sentimento e Tempo**¹, de título proustiano, fez com que visse Fernando Whitaker da Cunha como um desses pássaros raros, quase em extinção. Alguém que faz questão de criar amizades, de levar a todos palavras de incentivo e de estímulo.

Autor de vasta obra, extremamente variada, da poesia à crônica de viagem, dos estudos jurídicos aos perfis biográficos, da crítica literária aos ensaios de filosofia da história, andejando pela difícil arte do conto, e ainda pelas páginas leves do jornalismo e entrevistas, um verdadeiro cipoal de temas e assuntos ou uma perfeita gaveta de remendão, em que há de tudo. Assim o seu livro mais acabado, este **Sentimento e Tempos**, que subintitulou com sobriedade de estudos. E este escritor ebuliente e polimorfo, vai seguindo na esteira dos antigos humanistas que jamais aceitavam prender-se a um único estudo, como também o fazem os modernos eruditos que passeiam à vontade pelos vários ramos do saber, sem aceitarem a bitola de muito falso erudito que condena a variedade de temas e estudos em um autor. E não posso fugir à tentação de o comparar Fernando Whitaker da Cunha, observadas as devidas e necessárias distâncias, ao estrênuo defensor do provençal mistraliano, esse grande Louis Bayle, das mais extraordinárias figuras do renascimento da moderna Literatura Provençal pela vastidão do seu saber, propecta figura de humanista, de artista, esteta da língua, helenista, latinista, teatrólogo, em suma, um novo monge de uma nova era do Renascimento, vivendo na agitada Toulon dos nossos dias.

Com cinquenta e um anos, completados em abril, Fernando Whitaker da Cunha tem, como antes escrevi, obra vasta e pelos vistos, ainda vai mais longe. Pertence a muitas entidades culturais do Brasil e do exterior, participou de congressos internacionais, defendeu teses (algumas bem-arrojadas!), fez discursos de saudação e tem sido membro ativo da UBE. Estudioso e senhor de boa cultura jurídica e geral, foi sempre bem classificado em concursos públicos, chegando moço ainda a juiz do Tribunal de Alçada no Rio de Janeiro.

A seleção de bons ensaios.

¹ Cunha, Fernando Whitaker da. **Sentimento e Tempo**. Estudos. Rio de Janeiro: Academia Carioca de Letras, 1980. 187p.

Mais do que nenhum outro de seus livros, **Sentimento e Tempo** é o que mais serve como quadro de amostra dessa inquietação intelectual a que me referi antes. Livro inquieto, o mais inquieto de quantos a pena ágil de Whitaker da Cunha produziu até esta data, mas, também, o mais generoso: em suas páginas, pode-se notar sem muito trabalho, os dotes de coração do escritor e do crítico. Dá gosto percorrer-lhe as menos de duzentas páginas do livro pela variedade dos temas tocados, as citações bem-postas, os autores clássicos que ali encontram cabida, os paralelos bem traçados, o arrojo de certos conceitos. O jurista, o homem da lei, está quase sempre presente nesses pequenos ensaios, artigos e crônicas, assim como se mostra amiúde o pensador liberal. Escreve de Ivan Lins, Sherlock Holmes, João Mendes Júnior, Alfredo Pujol, Cassiano Ricardo, Euclides da Cunha, Balzac, Vicente Licínio Cardoso, Martins Fontes, Machado Paupério, antissemitismo, sionismo, senta a lenha na ditadura Vargas (por paradoxal que seja, um dos períodos mais florescentes das letras jurídicas em nosso País quando brilha mais que todas a estrela de Francisco Campos, o sábio Francisco Campos, arquiteto do Estado Novo e sustentáculo ideológico do Regime Vargas, em cuja vigência o chefe do Estado efetivamente governou e soube encarnar na sua pessoa e nas suas funções a direção da República, não servindo de joguete às ambições e caprichos de partidos políticos). Comenta com argúcia e propriedade o romance sociológico de Bernardo Guimarães, o querido criador de **A escrava Isaura** e outros; elogia autores estreatantes de livros de poesia; cita, para minha surpresa e pasmo, o célebre inglês das **Lives of Poets**, o meu querido Dr. Johnson, e o anedotário das sociedades literárias inglesa do século XVIII; traça o perfil de seu avô Arthur Whitaker, e por aí vai, de angústia em angústia, como se quisesse cimentar a própria coleção de angústias, tal como faziam lordan Chimet, esse prodigioso artista da língua romena, tradutor de excelsas virtudes, tão perseguido pelo regime brutal do ditador Ceaușescu; o humanista e *provençalisant* Louis Bayle, o prosador admirável de **Teatre per uno ombro**, uma das joias da moderna Literatura Provençal; Reinié Méjean, o poeta sublime de **L'armana estrassa**, uma das pedras preciosas sem jaça da literatura neoprovençal; o grande poeta africanense D. J. Oppermann, o poeta de **Periandros van Korinthe**, dos mais queridos poetas africâneres; o pranteado e erudito ficcionista e ensaísta galego don Álvaro Cunqueiro, o narrador primoroso de **Se o vello Simbad volvese ás illas**, e tantos mais, para quem a literatura é mais que simples *scriptura* de uma obra, mas a captura de angústia na beleza. Era a inquietação que movia esses autores, todos eles grandes. Buscavam e amavam a vida e queria transpô-la para os seus escritos. E inquietação é vida. A vontade de fazer alguma coisa, de se não deixar levar pelo marasmo de apenas viver, não deixar-se dominar pela rotina, esse maldito rame-rame do dito popular que a tudo aniquila. Claro que colocando Whitaker da Cunha na companhia dessas figuras universais posso pecar por exagero. Afinal, ele ainda está circunscrito às letras nacionais, nem tem a cultura de um Cunqueiro ou de Bayle, por exemplo, mas sei que poderia fazer bem mais, se bem pesasse a sua vida intelectual. É um homem culto e de boas leituras, falta-lhe apenas o aprofundamento que a sua vida estrepitosa lhe não permite. Ele não tem tempo. Escrever com arte e profundidade requer tempo e isto é o que mais escasseia nesse amoroso dos livros para usar de uma sua

expressão a respeito de outro escritor. *Suma y sigue*, dizem os espanhóis. Assim age Fernando, mas vai deixando sempre palavras de beleza, sensibilidade, inteligência e amizade, espalhadas por inúmeras páginas avulsas, em artigos de jornal, em referências a livros e autores, em conversações com escritores.

Na tentativa de reencontro.

Correspondi-me por alguns anos com ele. Sempre corria. As cartas eram quase ilegíveis e mostravam a pressa com que as escrevia. Discutíamos assuntos como Política Internacional. Outras vezes passava por cima de assuntos interessantes. Mas havia algumas vezes em que escrevia mais longamente e lembro que, em uma delas, possivelmente das últimas, de 16 de novembro de 1983, pedia-me que não elogiasse “certos chefes de Estado africanos”, que não mereciam elogios pelos desmandos e corrupção. Prometeu que mandaria alguns dos meus livros à Associação dos Magistrados Brasileiros, da qual era secretário-geral, mas creio que jamais o fez. Fernando sempre foi assim: terminava por esquecer o que prometia pelas suas múltiplas ocupações. Comete-se uma grande verdade quando se diz que não se pode cantar e assoviar... Continuava a escrever muito e, em um bilhete de 24 de fevereiro de 1984, a última vez que me escreveu, em que me dava notícia de que o seu desquite fora convertido em divórcio, participava-me que estava a escrever uma obra, **A Teoria e os Seres**, na qual punha muita esperança. Não sei se o concluiu. A sua intensa atividade como desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro tomava-lhe todo o tempo. E pouco sobrava para a amada viagem pelos caminhos da literatura.

Depois, não soube mais de Fernando Whitaker da Cunha. Nem de suas muitas viagens, nem de novas publicações. Tudo passa rápido na vida do homem e na maioria das vezes sem deixar traços e o que é pior, sem deixar lembranças. Também a minha vida mudou muito. Mudei de casa e de cidade várias vezes, passei momentos de que não quero recordar. Estive ausente no exterior. Nunca esqueço os amigos, nem fecho ouvidos às velhas e leais amizades. Mas desse bom humanista, nada mais soube, nem ele nunca mais me procurou, bem de acordo com a sua maneira de ser, de homem que corre. Essa gente que muito corre, que tudo quer abarcar, costuma ser um tanto superficial nas suas relações de amizade, a nada se apegando, no que faz muito bem: assim é a vida, sempre a fluir, como rio do filósofo grego. E pelo que sei, os gregos diziam coisas profundas, que nos levam a meditar. Agora soube em conversação com o biógrafo excelente de Rodrigues de Abreu, Guedes de Oliveira, que Fernando Whitaker da Cunha vive ainda, já bem velho, mas ainda bastante ativo, com o que me rejubilei e vim refazer o artigo que lhe dediquei faz mais de quatro décadas, na vã esperança de que ele ainda possa reler as minhas palavras antes de partir para a sua última viagem.

Não é a simples cópia de um artigo de distante passado. Reescrevo-o com fundas lembranças do amigo e suas muitas e breves cartas sempre inquietas. Como é preciso relembrar para alguma coisa lembrar, faço-o agora, chamando a atenção do leitor para a personalidade vibrante de Whitaker da Cunha em umas poucas palavras, nas que não posso represar a simpatia com

que o faço e a velha admiração. Desconheço se continua com a mesma *joie de vivre* como o conheci. É provável que sim. Mantenho ainda neste final de vida muitas das minhas qualidades e a maioria dos meus defeitos dos trinta e dos quarenta. Acredito, portanto, que ele continue como sempre foi. Afinal, chamei-o de humanista, o que é um enorme elogio e não elogio facilmente. Não atiro as palavras, irresponsavelmente, no ar. Para mim, seguindo o bom ensinamento dos pensadores talmudistas, as palavras têm alma e brincar com elas, é humilhar a nossa alma e isto seguramente não faço. Talvez tenha sido muito generoso nos elogios a Fernando Whitaker da Cunha. Se o fui, que se me releve: melhor pecar por excesso, do que por falta. Fernando estudou Filosofia do Direito e sabe o que quero dizer ao pôr fecho a esta *reescritura* do artigo de há quase meio século. Repito o que bem acima escrevi: se me fosse perguntado como definiria a sua obra e a sua vida em poucas palavras, responderia que considerava a sua obra como o reflexo da alma de um humanista e o autor um humanista a espelhar a amizade... às pressas!

Acho que nenhum elogio lhe quadraria tão perfeitamente quanto este!

10.ago.2022.

Manaus,

17.mai.1981/Florianópolis,